

OUVIR E CONTAR: A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Carla dos Santos (autor); Cristiane Maria Magalhães (co-autora)

Graduada em Pedagogia no Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado; Professora doutora do Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado, cristmag@gmail.com

Resumo: Este artigo objetivou conceituar a literatura e a contação de histórias, verificando como elas podem influenciar a aprendizagem dos alunos na educação básica. Buscou-se relatar como a literatura tem o objetivo de aproximar o leitor das histórias, e o quanto a leitura deve ser prazerosa para as crianças. Quando uma criança lê, ela se comunica e escreve melhor. A contação de histórias instiga a imaginação, a criatividade e a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui para a formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Por meio da contação de histórias, o professor encontra uma importante ferramenta para auxiliar os alunos dentro da sala de aula. Quando uma história é contada, a imaginação da criança também é aguçada. Enfatiza-se neste artigo que as histórias devem possuir um objetivo e ter uma direção, não apenas colocar um livro na mão da criança e esperar que ela faça por ela mesma. Esta pesquisa mostrou, também, diferentes formas como a história pode ser contada a uma criança, além das ferramentas que podem ser utilizadas e como ela tem a facilidade de trazer a criança para um mundo imaginário e que ao mesmo tempo tem a capacidade de transmitir conhecimentos. Apresenta-se, ainda, resultados da pesquisa de campo que teve o intuito de observar como as crianças gostam de ouvir histórias e o quanto é grande a capacidade delas de imaginar. Quando lhes são propostas atividades assim, elas possuem também a facilidade de criar e transcrever para o papel. A educação possui, desse modo, grandes aliadas dentro do contexto escolar: a literatura e suas histórias.

Palavras-chave: Educação; Contação de histórias; Leitura.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças. As informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que transforma em desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura.

A contação de histórias nas escolas é uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem

oral ou visual. A Educação básica é uma fase ideal para a formação do interesse pela leitura, pois nesta fase são formados os hábitos da criança. A escola é um local onde as crianças interagem socialmente, recebendo influências socioculturais para o desenvolvimento da aprendizagem.

A oralidade é muito importante na educação escolar, enriquecendo a comunicação e a expressão, uma vez que as crianças fazem uso da linguagem a todo momento, favorecendo a interação social. Neste sentido, o papel do educador é de assumir um compromisso com o livro, criando o hábito de contar histórias e despertando curiosidade nas crianças para que criem suas hipóteses.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, pp. 21-22). Sendo assim, o meio escolar é um dos espaços mais influentes na vida social das crianças.

A contação de histórias instiga a imaginação, a criatividade e a oralidade. Além de incentivar o gosto pela leitura, ela contribui para a formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Esse trabalho relata a importância da contação de histórias no desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

METODOLOGIA

O objetivo geral deste artigo foi compreender a importância de utilizar a contação de histórias no meio escolar. A pergunta que se procurou responder foi: de que maneira a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança na educação básica?

Esta pesquisa foi realizada a partir de levantamentos bibliográficos, por meio de leitura de livros, artigos e trabalhos acadêmicos que tratam do tema. Realizou-se, também, uma pesquisa exploratória, por meio da atividade de contação de história, numa escola de ensino fundamental na cidade de Machado – MG. Os resultados são expostos neste artigo.

DISCUSSÃO

A literatura infantil constituiu-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. Para

Oliveira, o aparecimento da literatura infantil com características próprias decorre da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela. É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, para o que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta (OLIVEIRA, 2013).

Para Zilberman, a valorização da infância enquanto faixa etária diferenciada é um dos baluartes desse modelo doméstico. Particulariza-se, primeiramente, a criança como um tipo de indivíduo que merece consideração especial, convertendo-a, no eixo com base no qual se organiza a família, cuja responsabilidade maior é permitir que os filhos atinjam a idade adulta de maneira saudável (evitando-se sua morte precoce) e madura (providenciando-se sua formação intelectual). Tais iniciativas acabaram por se transformar no cotidiano da classe média, razão do convívio harmônico entre pais e filhos e, enfim, fator indispensável para a manutenção de um estilo doméstico de vida (ZILBERMAN, 2003, p. 18).

Já no entendimento de Cademartori (1986) a palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite. Assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura acaba sendo aquela que corresponde de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele (CADEMARTORI apud OLIVEIRA, 2013).

É importante ressaltar que, para Oliveira (2013), a literatura em seus primórdios foi essencialmente fantástica. Nessa época, não era acessível à humanidade o conhecimento científico dos fenômenos da vida natural ou humana, assim sendo o pensamento mágico dominava em lugar da lógica que conhecemos. A essa fase mágica, e já revelando preocupação crítica às relações humanas ao nível do social, correspondem as fábulas.

Segundo Cademartori (1986), é nesse sentido que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas e fracas, etc, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social (CADEMARTORI apud OLIVEIRA, 2013).

De acordo com pesquisas de Zilberman, preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção quanto a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Como justificativa do uso do livro em sala de aula, Zilberman (2003) afirma que:

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta (ZILBERMAN, 2003, p. 30).

O contato com a literatura se faz inicialmente por seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração (ZILBERMAN, 2003, p. 170). Para Abramovich, quanto mais histórias ouvir, melhor será para a criança:

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1995, pp. 16-17).

Monteiro Lobato foi um dos principais autores de histórias infantis e que provocou uma grande transformação na literatura. Zilberman escreveu sobre as inovações trazidas por Monteiro Lobato:

O papel exercido por Monteiro Lobato, no quadro da literatura infantil nacional, tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. Com esse autor rompe-se (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional coincidente com a do leitor de seu tempo, o que ocorre pela invenção do Sítio do Pica-Pau Amarelo (ZILBERMAN, 2003, p. 145).

Trazer a literatura para o universo dos leitores e, principalmente das crianças, é algo fantástico que Monteiro Lobato soube fazer. Sobre o sucesso dos textos de Monteiro Lobato, Zilberman (2003) afirma que, o modo como ele resolvia o lugar do adulto era uma de suas grandes características. Na história do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que se passava numa fazenda, existem apenas dois seres mais velhos: Dona Benta e Tia Nastácia, visto que experiência, maturidade e responsabilidade, enquanto propriedades específicas do adulto, são atributos exclusivos da primeira, a avó, onde os demais personagens tinham características um pouco mais infantis (ZILBERMAN, 2003, pp. 145-146).

Monteiro Lobato revolucionou os textos que eram destinados aos jovens de sua época, rompendo com a tradição literária. Esta era caudatária do folclore europeu, constituído por

narrativa de transmissão oral, recolhidas, e conseqüentemente cristalizadas, nas compilações dos Irmãos Grimm e Hans-Cristian Andersen. O sucesso que alcançaram ocasionou a cópia e adaptação de suas grandes obras (ZILBERMAN, 2003, p. 155).

A literatura infantil, como se afirmou antes, era a que experimentava drasticamente esta dificuldade. Amarrada à contribuição do passado não se renovava; e, com isto, impedia o aproveitamento do moderno, da atualidade, do tempo, em suma. Portanto, com a obra de Monteiro Lobato, isso muda radicalmente.

Contudo, como a presença dos meios eletrônicos atualmente é avassaladora, precisamos reconhecer que a literatura infantil só entrará na vida da criança por uma fenda, nunca pela porta principal. Tal circunstância, ao contrário do que pode parecer, não diminui sua potencialidade. Ao contrário, pode aumentá-la, dependendo da intermediação que o adulto fizer, uma vez que, dificilmente a criança poderá prescindir desse terceiro, entre ela e o livro, para se tornar leitor (CADEMARTORI, 2010, p. 11).

Partimos da afirmação de que a literatura infantil tornou-se inseparável da questão da educação, conseqüentemente, ela se vincula com a prática escolar, mesmo que o livro infantil se afirme como literário, na medida em que superar o interesse dessa e de outras instituições. Se a literatura exerce papel no desenvolvimento linguístico e intelectual do homem, razão de sua inserção nos interesses que a escola propala como seus, cabe a tentativa de explicitar qual poderia ser a relação da literatura com a criança a partir do início da escolaridade. A escola chama a si a responsabilidade de ensinar a língua escrita, caracterizando desse modo a natureza formal desse ensino, ao contrário do que ocorre com a apreensão e desenvolvimento da língua oral (CADEMARTORI, 2010, p.56).

A literatura infantil, assim como manifestações da cultura popular e agráfica, presta-se a que, na alfabetização, a criança dê continuidade às experiências expressivas que já experimentou e lhe seja assegurada uma relação afetiva com sua língua, pelo conhecimento das potencialidades expressivas do código e que também seja levado em conta tudo que aprendeu durante esse processo (CADEMARTORI, 2010, p.71).

O contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito afirma Cademartori. A experiência pré-escolar, geralmente, põe na bagagem infantil narrativas orais-clássicas, versos, trava-línguas e adivinhas. Portanto, composições poéticas e ficção infantil, quando integradas ao programa dos anos iniciais de escolaridade, dão continuidade a uma experiência linguística já iniciada, cuja importância reside em que a relação estabelecida, por meio dela, entre falante e língua, privilegia o lúdico e o afetivo. Trata-se, portanto, de uma experiência com a expressividade da língua (CADEMARTORI, 2010, pp. 72-73).

Com o mundo atual altamente tecnológico, a leitura tem ficado em segundo plano para a maioria dos jovens e crianças (e também dos adultos). A tradicional roda de conversa de antigamente onde se tiravam horas para contar histórias não existe mais, a tecnologia está cada vez mais tomando espaço. Por esse motivo cabe ao professor introduzir momentos de leitura em sala de aula, onde será o momento, em que o aluno deixará esse mundo tecnológico e mergulhará no da fantasia.

A leitura é a maneira mais antiga – e mais eficiente, até hoje, de adquirir conhecimento. A leitura melhora o aprendizado dos estudantes, pois estimula o bom funcionamento da memória, aprimora a capacidade interpretativa, pois mantém o raciocínio ativo, além de proporcionar ao leitor um conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos. Quem lê muito, conversa sobre qualquer coisa e consegue formar opiniões bem fundamentadas.

Paulo Freire no seu livro “A importância do ato de ler” relata que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, por este motivo: “a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 09).

Muitas vezes, fica-se tão envolvido com os textos, que parece que já se faz parte daquele contexto que é relatado onde se passa a história. Sobre este assunto, Paulo Freire afirma:

Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar (FREIRE, 1989, p.10).

Paulo Freire escreveu que, quando se é um professor de português, sente-se a necessidade de ensinar regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sincretismo pronominal; nada disso deve ser reduzido a tabletes de conhecimentos que devem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, tem que ser proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudam, ora deles próprios, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil se pode descrever. Para este autor, os alunos não têm que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, como era feito antigamente, mas aprender a sua significação profunda.

Por isso, muitas vezes, deve-se instigar a curiosidade da criança, em relação à matéria proposta, para que ela não memorize, mas aprenda (FREIRE, 1989, pp. 11-12).

A criança vê o mundo e usa a língua antes de lê-la e escrevê-la. A experiência com a sonoridade do sistema linguístico tem prioridade sobre as demais experiências com a língua. A percepção visual, por sua vez, experiência perceptiva que ordena as demais, já apresenta um aguçado desenvolvimento quando a criança ingressa na escola. A alfabetização pretende associar a experiência sonora com os fonemas (som) à visualidade dos grafemas (letras), recorrendo à bagagem já adquirida para que a criança inicie a nova etapa (CADEMARTORI, 2010, p.66).

Analisando o contexto brasileiro, Emília Ferreiro teceu observações sobre o fracasso escolar:

No Brasil, 50% das crianças fracassam ao fim da primeira série. Além disso, é gravíssimo que um país se acostume com a ideia de que metade da sua população é incapaz de aprender. Enquanto se sustentou a ideia de alfabetização para todos, a escola ficou sem respostas. A escola não sabe lidar com as diferenças assumidas como dado inevitável, e não como castigo (FERREIRO apud CARVALHO, s/d, p. 37).

Portanto, é imprescindível que a prática da leitura seja introduzida e reafirmada constantemente em todo o ensino infantil, fundamental e médio para formação de leitores e cidadãos críticos e pensantes.

RESULTADOS

A pesquisadora Regina Machado, no livro *Acordais*, lança uma indagação que diz respeito a este artigo: “o que acontece quando alguém conta uma história, que efeito é esse que une as pessoas numa experiência singular?” (MACHADO, 2004, p. 21). Esta questão é norteadora desta pesquisa. Para Regina Machado, quando ouvimos um conto temos uma experiência singular. Esta experiência é única, tanto para adultos quanto para crianças, e particularizada para cada um de nós no instante da narração (MACHADO, 2004, p. 23).

Nenhum expectador ouve uma história da mesma maneira. A apreensão do que nos é narrado é uma experiência particular e única. “A narração falava para cada um, só para aquela pessoa, não havia outra, aquela pessoa era todo mundo, ela era a história”, escreveu Duborgel (DUBORGEL apud MACHADO, 2004, p. 23).

Para Regina Machado o lugar para onde a pessoa se transporta ao ouvir ou ler histórias é o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem (MACHADO,

2004, p. 24). Por esse motivo, ouvir ou ler histórias é tão significativo para o ser humano, pois é neste momento que ele pode ser rei ou rainha do reino virtual das possibilidades, o reino da imaginação criadora, escreveu Regina Machado.

Articulando os conceitos até aqui expostos, foi realizada uma manhã de contação de histórias. A atividade foi aplicada na Escola Estadual Dom Pedro I, na cidade de Machado – MG, com alunos do 4º ano (Ensino Fundamental). Nesta sala de aula há dois alunos autistas e um com derrame cerebral. Todos eles se envolveram com a história, possuindo sim a vontade de criar e imaginar tudo aquilo que para o nosso ver é impossível, mas para a imaginação não.

A partir da história observou-se a participação de todos os alunos e o envolvimento que eles tiveram com a atividade proposta, inclusive dos alunos autistas e daquele com derrame cerebral. A história escolhida foi “a história da pequena flor”, escrita por Luciano Costa (2013, p. 15-17). Esta história é interessante porque o final dela é aberto. As crianças que precisam pensar num final possível para a pequena flor e as possibilidades de finais são infinitas.

Inicialmente, antes de a história ser contada, foi feita uma aproximação com as crianças com o contexto da história que iria ser contada. Foram feitas perguntas, tais como: “se eles conheciam um jardim”, “o que havia num jardim”, e “se, além das flores, quais outros animais viviam nos jardins”. Este primeiro contato ajudou na aproximação da criança com o tema. Depois de contada a história, foi proposta uma atividade dirigida, com desenhos, em que as crianças deveriam criar um final para a história.

Em relação à capacidade da criança de imaginar e de criar, Luciano Costa afirma que:

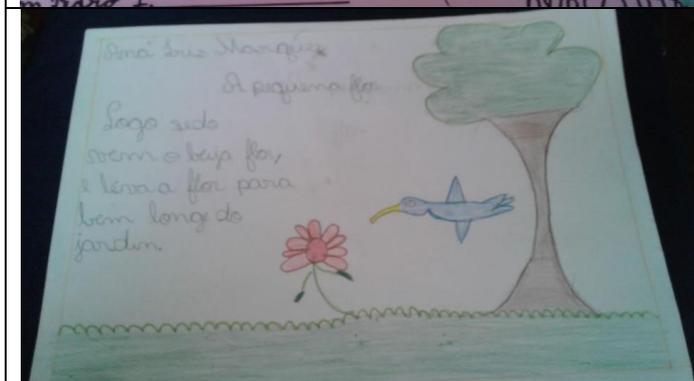
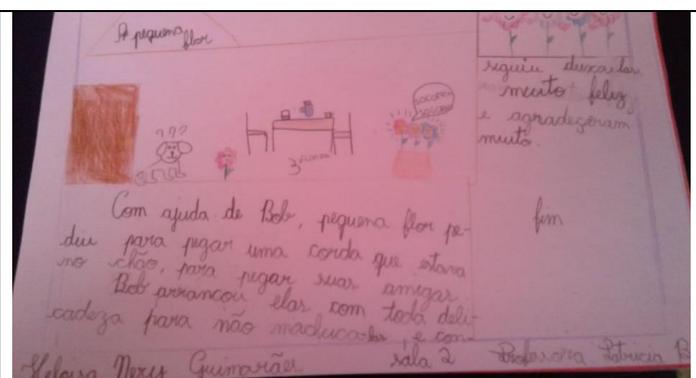
Ter um final para criar junto, como é o caso deste texto, é se permitir improvisar. Imaginar possíveis desfechos e guardar objetos e adereços atrás da jardineira, ou nas mochilas e bolsas, podem criar boas surpresas para terminar a história. Para compor o jardim vale muito brincar e transformar objetos de algum ambiente já conhecido pelas crianças. Quem sabe em casa ou na escola já estejam lá os artefatos-personagens esperando pra ganhar vida? O tubo de cola, a tesoura e um esparador colorido viram animais voadores num piscar de olhos (COSTA, 2013, p. 20).

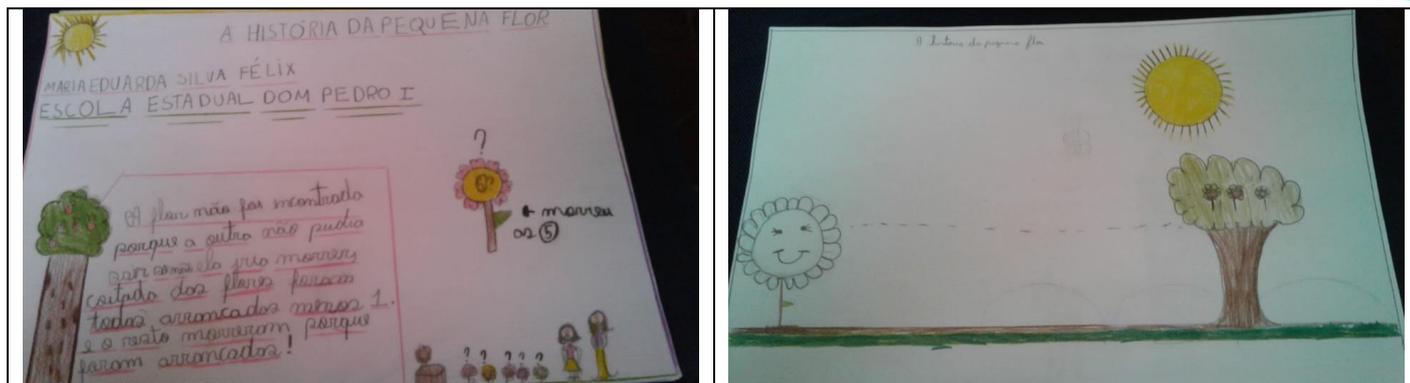
As crianças tiveram uma direção diante da atividade proposta, deste modo, todos se empenharam e criaram diferentes destinos para a Pequena Flor. Alguns fizera apenas desenhos, outros fizeram desenhos e escreveram o final e outros apenas escreveram um final possível para a pequena flor. Esta história, ao mesmo tempo, provoca reflexões sobre a cadeia alimentar e a consciência que cada gesto tem sobre o meio ambiente, além de ativar a imaginação das crianças.

Desse modo, se a história fica viva dentro da gente, é só prestar atenção. Coisas começam a se mexer e pipocar a sua frente. Soluções divertidas não vão faltar para montar essa e outras histórias para contar por aí (COSTA, 2013, p. 20).

O objetivo que foi proposto às crianças foi atingido, pois elas utilizaram toda a sua imaginação, além de fazerem desenhos, como havia sido sugerido, elas ainda usaram a língua escrita para criar finais para a história.

A seguir podemos ver algumas ilustrações feitas a partir da contação da história da pequena flor.





As imagens mostram os desenhos feitos pelas crianças após a atividade de contação de histórias na escola Dom Pedro I em Machado, MG

CONCLUSÕES

Ao investigar a contação de histórias na educação básica, constatou-se que ela é um instrumento imprescindível e fundamental dentro da sala de aula. A contação de histórias trabalha muito o imaginário, a criatividade e a leitura. Neste sentido, esta pesquisa foi realizada para mostrar que a contação de histórias é de extrema importância para a aquisição da leitura, ela proporciona momentos entre professor e aluno, pois, quando é contada uma história ambos interagem e a magia da aprendizagem acontece de forma lúdica e leve.

Pode-se observar, também, como a contação de histórias possui amplas formas de ser contada, que pode ser de acordo com a faixa etária, usando instrumentos diversificados que podem criar vida dentro da narração da história, lendo um livro ou não fazendo uso dele. Sendo assim, são várias as formas de se instigar o imaginário da criança.

Constatou-se que, contar histórias para as crianças de uma forma mais lúdica, contribui para o seu desenvolvimento e sua aprendizagem, torna-se também essa atividade mais significativa. Neste sentido, podemos observar por meio do levantamento bibliográfico e de pesquisa exploratória, como é importante a escola tomar por instrumento a contação de histórias dentro da sala de aula.

Percebemos, ao longo da pesquisa, que ainda há muito que fazer para que existam projetos que envolvam a contação de histórias no ambiente escolar, pois muitos professores ainda não sabem como trabalhar com essa temática.

A partir do levantamento de campo, as crianças demonstraram interesse ao participar da atividade que foi proposta, interagiram e usaram de todo o seu imaginário, puderam expressar através dos desenhos como eles compreenderam a história e cada aluno deu um final diferente. Muitos além de desenharem, fizeram uso da oralidade e da língua escrita.

Desse modo, a pesquisa aqui apresentada serviu para mostrar que a contação de histórias deve ser usada de forma interativa, onde professor e aluno tenham uma sintonia, pois, quando o professor está envolvido com a história que irá contar, ele também envolve as crianças com todo o universo imaginário à que a contação de histórias possibilita chegar.

Conclui-se que a contação de histórias, além de ser um ótimo recurso didático, desenvolve o aspecto cognitivo da criança, a socialização e faz com que ela perceba a diferença entre o concreto e o abstrato, podendo, assim, observar o ambiente à sua volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 1995.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986

CARVALHO, Carla et. al. **Biblioteca Viva: fazendo história com livros e leituras**. Fundação ABRINQ, sem data.

COSTA, Luciano. **Histórias de viver e contar**. Ilustrações de Viviane Santos. São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HAMZE, Amélia. **O momento mágico de contar histórias**. 2009. Site Brasil Escola. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/o-momento-magico-de-contar-historias.htm>. Acesso em maio de 2018.

LACOMBE, Ana Luísa de Mattos Masset (Org.). **Teias de experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias**. São Paulo.2003.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo,2004

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et. al. **A Importância da Contação de História como Prática Educativa na Educação Infantil**. Revista Pedagogia em Ação. v. 5, n. 1 (2013). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477/7227>. Acesso em maio de 2018.

OLIVEIRA, Carla Thayonara Soares de. **ANÁLISE DO LIVRO – O QUE É LITERATURA INFANTIL**. 26 de abril de 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/analise-do-livro-o-que-e-literatura-infantil/>. Acesso em maio de 2018.

SILVA, Maria Auricélia Lima et. al. **A importância dos contos de fadas na educação infantil.** Campina Grande, REALIZE Editora, 2012. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/5e5468d712b760f00aa4c978d7cf43ed_479.pdf. Acesso em maio de 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.